

EDITORIAL

Publicamos neste número de "Perspectiva Teológica", as perspectivas e aspectos da esperança cristã que foram analisados e discutidos durante a IV Semana de Reflexão Teológica da Faculdade de Teologia Cristo Rei. Pretendemos desta forma tornar acessíveis os resultados destas singelas jornadas de estudo, reflexão e debate, durante as quais se procura, numa convergência de maiores ou de mais escassos conhecimentos filosófico-teológicos, analisar, interpretar e iluminar a existência humana em sua história, com seus problemas, suas ideologias, aspirações, esperanças e projetos, a partir da Fé, da Esperança e do Amor que nos congrega no Cristo e nos dinamiza a testemunhar o que esperamos, para além do Mundo, da História, do Espaço e do Tempo. O tema desta última Semana de Reflexão foi a Teologia da Esperança, na problemática que lhe traz um mundo evolutivamente envolvido pela tecnologia e pelo materialismo. Citando o Congresso Filosófico de Florença, dizia Dom Antônio do Carmo, bispo de Santa Maria, em sua palestra introdutória da Semana, na qual focalizava "a radical esperança humana como fundamento da esperança teológica", que o tema da Esperança é muito oportuno hoje em dia, porque "o nosso tempo é tempo de esperança", e isso especificamente, por ser tempo

de angústia e, por vêzes, de desespero. Característica marcante do homem de nosso tempo, dizia o citado conferencista (condensamos algumas de suas idéias neste editorial), é a insegurança. Basta olharmos, explicava, para nossa situação de cristãos: há uns cinqüenta anos "um sangue um tanto desesperado percorre as veias do homem do século XX". Temos a impressão de estarmos vivendo o tempo previsto por Goethe e por Nietzsche. O poeta alemão, na segunda parte da sua obra "Dr Fausto", rejeita a esperança teológica como sendo uma das maiores inimigas do homem. . . Esta antecipação profética de Goethe, dizia D. Antônio, parece articular a conjuntura histórico-cultural que nos coube, em sorte, viver! Para Nietzsche, por sua vez, os filósofos, e os homens livres, sentem-se banhados pela luz de uma nova aurora com a notícia da morte de Deus. Brota a esperança de que "nossas naves poderão rumar na direção de todos os perigos, porque tudo estará permitido para a ousadia humana". Mas, com o avanço das ciências, trituram-se tôdas as certezas e crenças e as forças que aparecem são primitivas, cegas e carecidas de misericórdia. Temos uma técnica que facilita o viver do homem sobre a terra, porque é capaz de dominar, transformar e canalizar as energias do mundo. "No entanto, constatamos que, após esta primeira vista, o homem que deveria ser o mais ajustado da história, talvez seja o mais desajustado". Surge a neurose dos que sabem o que não querem, mas não sabem o que querem. Segundo Spengler, estamos assistindo ao ato final de um drama cultural: o drama da cultura ocidental!

Klages, sistematizando a insegurança, usa metafisicamente os conceitos de "espírito" e "alma". O espírito é geometria, matemática, razão, ciência. O espírito é técnica. Mas, ao lado do espírito, o homem possui a alma, que é poesia, vida, amor, cultura. A alma é humildade. Assistimos ao morrer

da alma e ao domínio da ciência-técnica. A poesia, o amor, a vida, a misericórdia, a esperança estarão mortas e, no momento em que os pensadores querem sistematizar a insegurança daí resultante, flutua ainda, na civilização ocidental, uma grande esperança! Isso após a guerra de 1914, quando se pensava que o sacrifício de milhões trouxesse uma mensagem de esperança para os homens de pós-guerra. Mas, em 1945, após nova guerra mundial fala-se do absurdo da guerra e, num romance de Garry, o soldado exclama: "Para que esperar! O mundo dos homens é o mundo das formigas. Os Os homens morrem como morrem as formigas. É um mundo cruel e desesperado!" É esta situação de angústia, insegurança e quase-desespêro que nos coube, em sorte, viver. Não sabemos para onde vamos. Não podemos encontrar a luz verde que nos vai dar o acesso ao porvir. Mas, um século marcado pela desesperança é também um século propício à esperança. Como pode esta ser definida em sua estrutura radical? Para Bonhoeffer o dado radical da existência não é o pensamento, a reflexão, mas a esperança. Para Kant o homem que crê, o homem sujeito de responsabilidade moral, é o homem que pode esperar. Para êle, a filosofia se resume nas quatro perguntas fundamentais: o que posso saber, o que devo fazer, o que me cumpre esperar, e, o que é o homem? Sôbre o que posso saber responde a metafísica; sôbre o que fazer responde a moral; sôbre o que me cumpre esperar, só a religião está capacitada a dar uma resposta exaustiva. Mas, as três primeiras perguntas dependem da quarta. Não poderei respondê-las antes de responder à pergunta radical: o que é o homem? Por isso pode-se falar de uma fundamentação ontológica da esperança teológica, que vem a ser a radical esperança dos homens.

A filosofia contemporânea está tôda voltada para o problema antropológico. Tudo se canaliza

na direção do homem. A pergunta que interroga pelo homem articula-se, hoje, como pergunta fundamental. Um grupo importante de filósofos chega à realidade humana a partir do animal, como por exemplo Aristóteles, quando define o homem como animal racional. Quando a psicologia da conduta nos diz que o homem é uma forma (animal) peculiar de comportamento, também está partindo do animal. E, quando Nietzsche afirma que o homem é um animal que pode prometer, também está partindo do animal. Mas, há também um grupo que chega ao homem a partir de Deus. Assim Aristóteles, quando diz, na *Ética a Nicômaco*, que a mente é um elemento divino, ou Nicolau de Cusa, quando escreve que o homem é um "deus complicatus", ou ainda Pascal, quando diz que o homem é "un petit dieu". São correntes de pensamento que vêm da Grécia até o século XVII. A partir daí, a reflexão subjetiva parte da intimidade do homem, como em Descartes e Kant, na filosofia vitalista e existencialista. Mas, para a radical esperança humana nenhuma destas vias parece acertada, e sim a linha da história. Esta tem seu plano objetivo e seu plano subjetivo. A história começa, segundo Ricoeur, no momento em que o homem faz alguma coisa, isto é, quando deixa o rasto de sua passagem. A história inicia-se, assim, num processo acumulativo, no qual tudo o que o homem faz e pensa se capitaliza e acumula. Cada homem, em sua experiência histórica e ao longo do curso da história, realiza-se nos diferentes níveis do progresso, ou seja, no plano objetivo da história. Nos nossos instrumentos de hoje há uma acumulação, em perfeição; mas nessa acumulação não encontramos a tragédia dos homens, não encontramos o plano dramático ou ambíguo da história. Ora, o histórico da história não está no plano objetivo, mas radica no homem concreto em sua evolução cultural. Na história dramá-

tica, concreta, na história não do progresso, mas daquilo que está escondido, é que me é possível perceber o progresso que é a existência dos homens.

O homem não pode, fugindo à situação concreta, entrar num "status quo" no qual não houvesse a decorrência do tempo, ao menos humanamente falando. Por isso é-nos difícil entender a eternidade. O homem — pela urgência da vida — está sempre saindo de uma situação para entrar noutra. Quer dizer, a vida aparece como movimento. Ao escolher a possibilidade da realidade, o homem assume a situação. Heidegger, por exemplo, nos fala da "Sorge", do cuidado, que é algo radical na análise da existência e emerge da situação indefinida da existência humana. Quer dizer, não ajustada. Por isso, a existência é ajuste. Tenho que ajustar-me às novas situações e justificar minhas decisões, pois tenho preferências e posso escolher. Essa escolha de uma possibilidade se chama "projeto", palavra que toma, às vezes, características de "futuração" e que não é senão a forma radical de espera humana. Porque no homem a resposta não está dada, porque êle tem que construir a sua resposta, por isso mesmo o homem é radical espera. E a radical espera toma forma de projeção, de projeto. Por isso escreve Ortega: "queiramos ou não, a vida é constitutivamente futuro". E por isso a vida se torna drama: o drama de realizar, de fato, aquilo que, em projeto, escolhemos. Pode-se, portanto, — segundo palavras de D. Antônio — falar de uma radical espera humana, que nasce de uma instância primeira da sua estrutura ontológica. Não é, pois, no nível do progresso — afirmava D. Antônio — que vamos encontrar o ponto de contato entre a esperança dos homens e a esperança teologal. O nível do progresso, no máximo, nos oferece uma idéia clara da destinação dos homens: o destino de criaturas que assu

mem a criação, a história, que desenvolvem os conhecimentos, a ciência e a técnica. O cristianismo não condena Prometeu. O pecado, para o cristianismo, não foi o encontro do fogo da ciência, mas a perda da relação com o divino. É, portanto, no nível do drama histórico, no nível de um ser humano constitutivamente futurista, que a resposta não está dada mas deve ser construída. A vida do homem só tem sentido, mesmo, a partir do futuro. Estamos voltados para o futuro e esperamos alcançar amanhã o que o hoje nos negou. É na direção do futuro que os profetas da esperança humana e terrena colocam a felicidade. Desde o momento em que existe uma realidade, existirá inexoravelmente, uma possibilidade da realidade. E, se o mundo acabasse neste momento, acabariam as possibilidades que a realidade do presente nos oferece e através das quais nós assumimos o futuro que projetamos. É nestes termos, dizia D. Antônio, que podemos falar de uma esperança teologal. Se a história termina ou acaba, se as possibilidades continuam, a esperança teologal nos falaria da realização de nossas possibilidades não realizadas na história, de nossas possibilidades realizadas em Deus, em Cristo.

Dentro desta perspectivação desenvolveram-se os temas escolhidos para a IV Semana de Reflexão Teológica, cujo conteúdo preferimos se apresente por si próprio e pelos sumários introdutórios. Evidentemente não foi possível abordar todos os temas talvez importantes para uma visão mais global da esperança cristã no mundo contemporâneo não se aprofundaram as concepções de Moltmann nem as implicações do pensamento de Ernst Bloch, por exemplo. Mas, não é objetivo de uma Semana de Reflexão esgotar a profundidade de um tema que incide tão diretamente sobre o próprio sentido do existir humano na terra.

Na dinâmica dos trabalhos e palestras, aqui apresentados, é de ressaltar a dimensão sinceramente ecumênica de que estavam imbuídos, como o mostra a participação do Reverendo Professor e Pastor Metodista, Moysés Cavalheiro de Moraes, do professor de Sagrada Escritura da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil, Dr. Gottfried Brakemeier, bem como a participação ativa de conferencistas e professores de Montevidéu e de Buenos Aires.

Essa convergência de esforços, idéias e pontos de vista, essa coerência de pessoas de tão diversa procedência, formação e atividade num objetivo comum, é certamente prenúncio de uma nova mentalidade teológica, de uma nova vivência ecumênica, de uma nova pastoral cristã, inserida eficazmente nas esperanças do homem contemporâneo, homem que não sabe, talvez, o que espera e o que deve realmente esperar, mas que é campo aberto para uma perspectivação válida da esperança teológica, vivida convictamente até as últimas conseqüências.

4